

## Entrevistas



*Prof. Sebastião:* Eu me lembro que a sua saída de Ribeirão foi extremamente comentada. Ribeirão tentou segurar sua vinda?

**Prof. Krieger:** Não! É muito interessante essa pergunta porque isto não é fácil. Eu não conversei com ninguém em Ribeirão Preto sobre a minha aposentadoria. É como se, de repente, você saísse de um grande time e fosse jogar noutro. Agora, eu fiz isso de cabeça pensada. Nós saímos quase empatados: eu dei muito, e eles me deram mais ainda. A primeira coisa que eu assegurei é que meu grupo tinha maturidade pra trabalhar sozinho. Deixei todos os laboratórios montados, não trouxe absolutamente nada! A negociação que eu fiz com o Incor era essa: eu viria sozinho e eles tinham que me dar todo o equipamento aqui. O que eu trouxe foi um dos meus técnicos, o melhor deles...esse veio, mas até com o apoio do pessoal de lá. Então eu fiquei muito tranquilo. Saí de Ribeirão Preto sem consultar ninguém mas tendo segurança de que tinha cumprido a minha fase, quer dizer, eu já tinha sido Chefe do Departamento, durante 10 anos fui da Comissão de Pós-Graduação...eu não tinha mais o que exercer em Ribeirão Preto....podia continuar como pesquisador, professor mas, as etapas que tinha que passar, passei todas, tá certo? Tinha passado todas! Agora, não consultei ninguém porque evidentemente iam dizer não vai, você é importante aqui, essas coisas que são naturais que se digam mas, passado todos esses anos, acho que todos estão de acordo que eu exerci um direito que era natural, continuei servindo na Universidade, embora noutro lugar. Deram-me o título de Professor Emérito o ano passado em Ribeirão Preto pra mostrar que não há ressentimento nenhum, embora esta coisa cause uma certa estranheza, porque no Brasil não há essa mobilidade de docentes de uma universidade pra outra, mas eu exerci um direito meu. Quer dizer, eu não pedi um dia, eu simplesmente me aposentei. Eu tinha direito e vim aqui pra São Paulo. Em 12-13 dias saiu a minha aposentadoria e comuniquei o pessoal quando já estava no Diário Oficial e aí já aposentado é que eu tratei de negociar a minha saída. Eu já estava legalmente aposentado. Eu vim muito tranquilo porque achei que para o meu grupo era a hora de uma certa independência. Todo equipamento ficou lá, transferei aos colaboradores todo equipamento. Agora, há uma certa estranheza hoje se joga no Corinthians, amanhã vai pro Palmeiras....

*Prof. Sebastião:* a coisa foi de fórum íntimo então...

**Prof. Krieger:** É, é, eu preferi usar o direito pessoal que eu tinha e o julgamento pessoal que eu tinha sobre o que eu queria fazer da minha vida, tá certo? E servir a Universidade, acho que é o importante, Não saí pra ir pra um lugar qualquer, saí para dentro da mesma universidade e para um Instituto que realmente tinha uma tradição de qualidade o qual ajudei nesses últimos 15 anos na parte científica.

*Prof. Sebastião:* Percebo que o senhor está sempre movido por algum desafio, desde a infância, de sair da cidade, ir pra um colégio interno, daí pra Cruz Alta, pra Porto Alegre, depois Buenos Aires, prá lá e pra cá, Estados Unidos, Ribeirão Preto, InCor, ..... O InCor é o ponto final da linha ou...?

**Prof. Krieger:** Não! Eu não consideraria isso. Eu acho que até, pela idade que estou, estou com 71 anos, o natural seria dizer que é o fim da linha, mas eu, dentro da filosofia e personalidade que tenho, não considero nada fim de linha. Se você me perguntar: você planejou ir de Porto Alegre para Buenos Aires, depois para os Estados Unidos? Nada eu planejei. Eu decidi sair de Ribeirão Preto e vim. Só. Eu sempre sigo aquilo que é o meu temperamento. Fazer o melhor todo dia, o meu desafio é diário, não tenho desafios dentro de uma semana, um ano, nunca fiz planos. Eu procuro é topar os desafios como eles vem, quer dizer, não escolho campo, entrei é pra jogar então vamos jogar! Se amanhã me aparecer alguma coisa que sob o plano universitário e pessoal é importante, eu vou fazer, não tem a mínima dúvida, tá certo?

*Prof. Sebastião:* E o desafio, por exemplo, de construir algumas universidades e escolas particulares? Se o senhor recebesse um convite desse tipo?

**Prof. Krieger:** Eu acho que as universidades particulares estão aí e tem que ser auxiliadas. Mas por ter tido uma formação sempre em universidade pública e achar que universidade pública está em crise nesse país, não tenho a mínima inclinação para trabalhar nas particulares. Acho que ainda tem muito campo pra nós trabalharmos na universidade pública. Agora mesmo estivemos falando com o Ministro, há duas semanas, e possivelmente em fevereiro vai ser anunciado um grande projeto do Ministério da Educação com o apoio da Academia Brasileira de Ciência e a S.B.P.C. para retomar as Universidades Federais o seu Caminho, com investimento, com recuperação do corpo docente etc. Respondendo a sua pergunta, acho que a universidade privada está aí, está com 60 e poucos por cento dos alunos da Universidade Brasileira, precisa melhorar a qualidade etc. Mas, não, pessoalmente não teria hoje inclinação e nem condições porque a Universidade Pública ainda é um desafio suficientemente grande e na minha opinião mais importante, né?

*Prof. Sebastião:* Uma pergunta do Istênio: como é o senhor avalia os órgãos fomentadores de pesquisa, CNPq, a própria CAPES e a FAPESP?

**Prof. Krieger:** Eu acho que nós temos que fazer uma avaliação histórica e uma avaliação momentânea ou temporária, ou se você quiser episódica. A histórica foi uma das grandes conquistas da comunidade. Nós temos o CNPq criado em 51, a FAPESP criada na década de 60 e acho que isto aí está fazendo a diferença entre o Brasil o resto da América Latina que ainda não tem uma estrutura de ciência como a nossa. O Ministério de Ciência e Tecnologia, em suma, toda uma estrutura de ciência que se conseguiu no país nos últimos 30 anos, está fazendo uma enorme diferença. Agora, está passando por crises, quer dizer, o CNPq nesses últimos 3-4 anos conseguiu o milagre de manter as bolsas. São 400 ou 500 milhões de reais de bolsas, com toda essa crise não diminuiu uma bolsa do CNPq. Então, isto é realmente uma coisa positiva. Agora, diminuiu drasticamente a verba pra pesquisa na área federal. Tenho muito contacto com a comunidade do Rio de Janeiro, porque a sede da Academia é lá, e eu

vejo que o pessoal que depende do CNPq, dependia da FINEP ou mesmo o pessoal do PRONEX, eles estão realmente apertados.

(troca da fita do gravador)

**Prof. Krieger:** O estado de São Paulo tem a FAPESP que está com o orçamento próximo de 300 milhões de reais por ano e o progresso científico em São Paulo é notável e tem demonstrações das mais evidentes. Uma delas é que se fez um investimento em ciência básica e quando se precisa de alguma coisa em tecnologia eles tem. Se fez agora um projeto de identificar o mapa genético de uma bactéria que ataca o fruto cítrico e, rapidamente, em 1 ano e meio se terminou usando 30 e poucos laboratórios. Você aplica a ciência, quando você tem ciência, quando você tem cientistas. O estado de São Paulo com a FAPESP trabalhando há mais de 30 anos está com uma base científica muito boa e tendo a base científica, sair pra projetos tecnológicos é muito fácil. Aproveitamento da base científica que nós construímos nos últimos 30-40 anos e transformar isso tudo em desenvolvimento é o grande salto que o país está precisando.

*Prof. Sebastião:* Professor o senhor votou em quem pra presidente da república?

**Prof. Krieger:** Votei no Fernando Henrique.

*Prof. Sebastião:* O senhor está contente com a atuação dele?

**Prof. Krieger:** Não, eu acho que ninguém pode estar contente com a atuação do Fernando Henriqueisso é evidente né? Agora, a pergunta que fica é esta: alguém poderia ter feito diferente? Ou se deve a circunstâncias todas que cercam o país, a globalização, essas políticas todas, isso eu não sei. Eu realmente gostaria que tivesse sido melhor, mas eu fico sempre na dúvida se o problema é da capacidade de quem está dirigindo ou da enormidade de problemas que está se enfrentando hoje com essa nova dinâmica internacional em que você é obrigado entrar porque fora não pode ficar. Cuba ficou de fora e ficou lá, China está entrando agora, quer dizer, quem entra paga o preço de abrir as portas e se abrir a porta tem que competir, e para competir tem que ser competente e nós ainda não somos! Isso é que a gente fica às vezes imaginando até que ponto o governo poderia ser um pouquinho mais malandro, entre aspas, e entrar na globalização mas pensar um pouco mais em salvaguardar certas coisas nossas aqui. Eu acho que há esse descontentamento com o Fernando Henrique. Ele seguramente deve ter uma bela capacidade de análise dos problemas internacionais. Falta enfoque maior sobre as coisas nacionais, quer dizer, o ideal seria uma combinação de Juscelino Kubistchek com Fernando Henrique...

**Professores César (E) e Krieger (D)** \_\_\_*Prof. Sebastião:* Na sequência gostaria que falasse um pouco dos seus filhos e da sua amizade com o Professor Oswaldo Ramos. Eu senti o senhor muito emocionado com a homenagem que foi feita para a esposa do Dr. Oswaldo num Congresso em Belo Horizonte...

**Prof. Krieger:** Bom, primeiro começando com os filhos. Eu tenho 2 filhos. A mais velha é a Marta Helena, que nasceu em 58, e o mais novo o José Eduardo, que nasceu em 60. A Marta Helena é docente na UNICAMP. Ela está no Departamento de Fisiologia, faz Fisiologia Geral, teve uma formação de bióloga, fez doutorado com o Sawaia na Fisiologia Geral da USP. O José Eduardo é médico, ele fez Medicina em Ribeirão Preto e depois trabalhou nos Estados Unidos muitos anos, depois lá com Allen Cowley, com quem fez o seu doutorado em Fisiologia Clássica. Como naquela época que ele terminou o doutorado começava já com intensidade a biologia molecular entrar na medicina, particularmente na hipertensão, ele continuou o pós-doutorado com o Vítor Dzau, em Haward, depois Stanford. Ficou lá mais uns 3-4 anos, fazendo biologia molecular e hoje está aqui no Incor dirigindo o setor de Biologia Molecular com todo o charme que

tem a Biologia Molecular. Vai muito bem e eu tenho muita, muita satisfação de ver ele se desenvolver como profissional.

*Prof. Sebastião:* E o senhor tá casado há quanto tempo?

**Prof. Krieger:** Eu to casado desde 56. .É. Com a mesma esposa. Ainda sou da velha guarda que casa e fica junto (risos).

*Prof. Sebastião:* O nome dela?

**Prof. Krieger:** Lorena. O nome dela é Lorena, como eu disse a conheci na casa do meu colega e lá então nos conhecemos, casamos estamos casados até hoje, agora já estamos com 2 netos. Tenho vários amigos, quase todos eu os encontrei na Universidade. Está aqui o César que é um amigo da época de Ribeirão Preto. Da época de Porto Alegre eu tenho outros amigos, nunca tive tempo pra ter os chamados amigos sociais porque eu não frequento ambiente fora da Universidade. Em Ribeirão, fiquei 28 anos morando praticamente no Campus. Então as pessoas que eu conheci eram todas ligadas a Universidade. Como tinha uma atividade de política universitária e científica conheci muita gente no Brasil. Tive muitos amigos, camaradas das várias empreitadas que eu enfrentei. Uma delas foi na fisiologia, trabalhamos com o César na Sociedade Brasileira de Fisiologia. O César foi o primeiro presidente, eu devo ter sido o 3o presidente e da presidência da Fisiologia fomos criar a Federação das Sociedades de Biologia Experimental - FESBE- que reuniu as sociedades da área básica. Uma das coisas gratificante que eu tenho na vida é de ter sido o 1o presidente dessa sociedade. Aí trabalhei com a Maria Helena Carvalho que foi o braço direito, a secretária, depois que saímos da FESBE fomos com Oswaldo e outros criar a Hipertensão, Sociedade Brasileira de Hipertensão onde a Maria Helena foi a 1a secretária e o Oswaldo era o vice-presidente. Hoje a Maria Helena é a presidente. Então, é claro que quando houve essa homenagem da Sociedade Brasileira de Hipertensão e me pediram pra falar em nome da Sociedade sobre a figura do Oswaldo, é natural que eu me emocionasse. O Oswaldo é uma dessas ligações profissionais e afetivas, muito forte. Identifiquei muito com o Oswaldo, exatamente neste aspecto. O Oswaldo era um homem que acreditava na Universidade, e a Universidade pra ele era muito a Escola Paulista, quer dizer, a Escola Paulista era a casa dele. Eu sempre gostei de pessoas que se identificam com causas sociais, universitárias, etc. O Oswaldo tinha essa característica de ser identificado com uma causa universitária. Trabalhamos juntos na formação primeiro da Sociedade Interamericana de Hipertensão, depois da Sociedade Brasileira de Hipertensão. É natural que eu me emocionasse quando fiz em nome da Sociedade aquela homenagem a ele lá em Belo Horizonte. É isso, meus amigos continuam então sendo gente que eu conheço dentro da Universidade...hoje eu tenho um núcleo afetivo muito bom na Academia Brasileira de Ciências, que eu estou presidindo há 7 anos lá no Rio de Janeiro. Em cada lugar que eu frequentei por alguma razão, eu tenho um bom relacionamento, bons companheiros, companheiros de ideais, companheiros que tem a mesma visão, etc.

*Prof. Sebastião:* Professor, todos os que nós entrevistamos, Dr. Emil e Dr. Oswaldo, foram considerados pelos ex alunos muito bravos e muito rígidos. O senhor enquadra neste perfil ou não?

**Prof. Krieger:** Não. Não. Diz a minha mulher que eu sou carrancudo, que se eu fosse simpático eu teria muito mais sucesso, talvez ela tenha razão. Eu não sei fazer concessões demagógicas, não dá, procuro ser simpático, quando eu tenho uma causa e tal eu procuro. Eu acredito muito no trabalho, então eu acho que uma das coisas que eu me identifiquei muito aí com meu amigo César é que ele também é um homem disciplinado no trabalho. Quer dizer, eu tenho horário, eu acho que o trabalho é importante. A principal âncora psicológica que você temé o trabalho do dia-a-dia etc, então isso pra mim é muito importante. E a minha impressão, vou fazer uma interpretação pessoal, é que eu atuo mais pelo exemplo, o meu comprometimento com o trabalho, com aquilo que eu acho importante, com a qualidade

que sempre considerei um ponto de referência. Você tem que ter excelência, qualidade na vida, profissional e acadêmica. Acho que nisso aí eu nunca abri mão, mas eu eu sou até um pouco jeitoso politicamente, senão não teria sido presidente de tanta coisa, não é? Eu sou um conciliador... então isso é importante, não sei bater de frente com ninguém, não sei, não gosto, acho que você sempre tem que olhar o outro lado da pessoa e dialogar e, se não concordar, dizer porque é que não concorda mas usar de violência não, isso não sei não.

*Prof. Sebastião:* Qual a sua opinião sobre o regime de dedicação exclusiva? O senhor acha possível se dedicar integralmente à Universidade hoje em dia?

**Prof. Krieger:** Não. Eu acho que hoje nós teríamos que equacionar aquelas disciplinas ou aquelas áreas em que a pessoa não tem como fazer um ordenado extra, essas tem que ter dedicação exclusiva. Evidente, a fisiologia, a bioquímica etc, tem que ter dedicação, e a Universidade tem que prover pra esse pessoal. Agora, eu hoje sou mais elástico em equacionar o problema da dedicação exclusiva na área clínica. Eu hoje insistiria em que tem que haver a dedicação geográfica, é isso que o Incor está caminhando...fazer o pessoal trabalhar aqui o tempo todo. A clínica toda aqui e, estando aqui, está tudo sendo feito num ambiente universitário, agora a forma de pagamento tem que ser negociada. Se um cirurgião ganha muito lá fora, ele tem que ganhar muito aqui dentro, não é possível você manter um cirurgião ou clínico não dando esta elasticidade. Acho que nas áreas de aplicação a universidade deveria ter mais flexibilidade, é uma longa história. Em Ribeirão Preto foi diferente.Nós tivemos em Ribeirão de radicalizar... todo mundo tinha que fazer dedicação exclusiva na área clínica no início porque era uma forma de manter a faculdade porque senão não manteríamos.

*Prof. Sebastião:* Atualmente não é. assim.

**Prof. Krieger:** Atualmente não é, mas eu acho que você tem que ter mais possibilidade, não pode uniformizar a área básica e clínica, área básica tem que ter dedicação exclusiva, tem que pagar mais, inclusive você não pagando pro pessoal da área de aplicação dedicação exclusiva vai sobrar mais dinheiro pra área básica. O dinheiro pra pagamento de pessoal é um dinheiro limitado, então é melhor que você permita o pessoal de área de aplicação, fazer consultoria etc e ter suplementação salarial dentro do ambiente universitário mas não recebendo dedicação exclusiva, porque assim sobra mais pra melhorar o ordenado do pessoal que não pode ter esse tipo de atividade.

*Prof. César:* Bem, você evidentemente foi o primeiro fisiologista cardiovascular do Brasil. O seu laboratório foi o primeiro de todos e acho que ninguém formou mais fisiologistas cardiovasculares do que você. Você teve um sucesso enorme quando dirigiu a Sociedade Brasileira de Fisiologia, quando ele inventou a FESBE e agora revolucionou na direção da Academia Brasileira de Ciência. Eu só quero fazer uma pergunta: digamos que você, por algum governo, fosse nomeado Ministro de Ciência e Tecnologia... qual seria a sua estratégia e a sua logística para resolver problemas não só de financiamento de ciência mas também um problema de que nós formamos muito mais doutores do que a universidade brasileira pode absorver. Como é que você acha que se poderia resolver esses problemas?

**Prof. Krieger:** Bom, muito obrigado por ter me nomeado Ministro de Ciência e Tecnologia, (risos). Eu acho César que nós nos últimos 30 anos fizemos um enorme avanço na ciência básica desse Brasil, formamos uma base científica invejável para quem não tinha ou tinha pouco. Hoje, estamos com 1 a 1,2% da produção científica internacional e estamos formando cerca de 4.000 doutores em quase todas as áreas, quer dizer, o Brasil tem representação de ciência muito parecido com a ciência internacional. Nós precisamos fazer com

que este conhecimento que nós criamos nos últimos 30-40 anos reverta em desenvolvimento. Primeiro em educação, a primeira coisa que eu acho é que nós precisamos fazer com que a ciência tenha mais impacto na educação, precisamos educar melhor e na universidade privada, na universidade pública, no secundário, no primário. O cidadão precisa conhecer mais ciência para usar a tecnologia que já anda aí de computador e tudo. Hoje não basta saber ler e escrever é preciso você ter um mínimo de conhecimento de ciência pra poder aproveitar o mundo de hoje, acompanhar, saber o que é um alimento transgênico e se posicionar. Hoje não há nenhuma política de grande aproximação do Ministério de Ciência e Tecnologia com Ministério da Educação e isto seria uma grande tarefa, uma das primeiras tarefas para um Ministro de Ciência e Tecnologia seria dinamizar, polarizar, fazer com que essa ciência que nós temos renda mais pro país em termo de educação. Aproveitando os 4 mil doutores que nós estamos formando por ano e contratar esses doutores e dar um enxoval pra eles trabalhar rapidamente e assim difundir a ciência no país. A ciência hoje está localizada no Sudeste, é São Paulo, um pouco de Rio etc, e o resto do país não tem. É fundamental disseminar a ciência pois o conhecimento é coisa pra ser utilizado, você precisa de ciência em todo país, então a universidade de qualquer estado teria que ter um mínimo de condições de ensinar as profissões com embasamento científico, de ser um celeiro para reciclar professores para o primário e secundário. A ciência que tem com uma primeira tradução a educação está nos faltando nas universidades. As grandes Universidades Federais teriam que ser reanalisadas para você ter núcleo de ciência dentro delas evocê sabe que isso se faz com muito pouca coisa. Ribeirão Preto mostrou que isso é possível. Primeiro educação e segundo você fazer essa ciência que nós temos ter reflexos nos serviços públicos, saúde, transporte, violência. Nós precisamos estudar um pouco essa violência que anda aí na rua, tem que haver mais gente interessada em estudar, o que fazer com esse tipo de coisa, hoje tem já estudo nos países desenvolvidos, núcleos de violência estudando cientificamente, psicólogos, etc, não é, tá nos faltando isso. Em saúde então nem se fala...o Ministério da Ciência e Tecnologia tem que ser o grande dinamizador, o coordenador das políticas nacionais, ele não pode ficar isolado no CNPq e na FINEP. Ele tem que ter conexão muito direta com o ministério da Educação, com a Saúde, com a Agricultura, etc, isso não está ocorrendo, nós não estamos conseguindo fazer com que o sistema de ciência permeie a vida nacional. Nem se fale do muito que se tem que fazer no uso do conhecimento na Indústria Nacional para que faça mais inovação. Como vêem, é uma bela duma plataforma para o Ministro da Ciência e Tecnologia.

*Prof. Sebastião:* Professor você quer comentar mais alguma coisa?

**Prof. Krieger:** Não

---

Para ser comunicado das novas edições ou de quaisquer modificações em Med On Line ou então, para opinar sobre as matérias desta edição, basta clicar [aqui](#).

